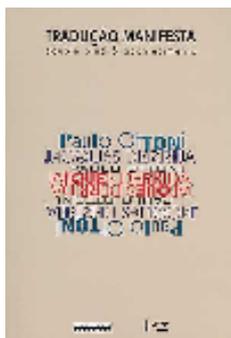


A (IN)SUSTENTÁVEL POSSIBILIDADE DA TRADUÇÃO



OTTONI, Paulo. **Tradução Manifesta:** Double Bind e Acontecimento. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: EDUSP, 2005. 198p.

Debora Racy SOARES

À memória de Paulo Ottoni

Tradução Manifesta: Double Bind e Acontecimento (Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: EDUSP, 2005) é um dos últimos livros de Paulo Ottoni. Professor titular do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Ottoni além de atuar nas áreas de teoria, prática e ensino de tradução, coordenava também um grupo de pesquisa intitulado “Traduzir Derrida – Políticas e Desconstruções”.

Os dez artigos da primeira parte do livro foram escritos em diferentes momentos do percurso acadêmico do autor. Como ele mesmo adverte em nota introdutória, os textos não impõem uma ordem de leitura: foram concebidos como “um só texto dividido em dez partes” (p.11). Costurados por uma mesma idéia de tradução, é possível partir de qualquer um deles, sem prejuízo para a leitura. A ordem de partida, nesse caso, não altera a compreensão, já que todos os textos conduzem a uma discussão aprofundada sobre as relações entre tradução e desconstrução. A perspectiva adotada por Ottoni é inovadora, uma vez que se distancia bastante da idéia normativa sobre tradução e, portanto, dos pressupostos de uma abordagem lingüística tradicional. Segundo Ottoni, a idéia normativa que prevalece nos ensinos de tradução está fundamentada na distinção entre linguagem e língua, sujeito e objeto, teoria e prática. A manutenção de tais dicotomias é útil para a constituição de uma ciência lingüística positivista, com bases

logocêntricas. Na trilha de Ottoni, entende-se a abordagem lingüística tradicional como aquela que insiste, via Saussure, nestas dicotomias. A lingüística tradicional parece ser incompatível com a idéia de tradução enquanto desconstrução, já que só faz “domesticar”, “dominar” e “aprisionar” o “fenômeno da tradução” (p. 23). Nesse sentido, Ottoni discute o papel corrosivo que a abordagem tradicional positivista ou normativa teria na formação dos tradutores. Na perspectiva desconstrutivista, é fundamental considerar a multiplicidade de línguas inerente à tradução. Esta multiplicidade – “convivência entre e com as várias línguas” – deve ser incorporada na própria tradução (p. 13). Ao levarmos em conta esta multiplicidade, poderemos encarar a tradução como acontecimento e aprender a suportar o inevitável *double bind*. A tradução, entendida sob este viés, não só promove a reflexão sobre as línguas, como também desestabiliza as bases nas quais se assentam as teorias da tradução de base lingüística. O *double bind* seria o imperativo categórico que refletiria o paradoxo inerente ao processo de tradução, já que demarcaria, a um só tempo, sua impossibilidade e sua necessidade. Diante da inevitável dificuldade que se impõe, como um desafio, ao tradutor (que é sempre leitor) só haveria uma saída possível: “sofrer e suportar” o *double bind*, certo de que sem ele não haveria leitura, tampouco tradução (p. 12).

Os quatro artigos iniciais do livro surgiram de conferências ministradas por Ottoni na Alemanha, no “Institut für Übersetzen und Dolmetschen” da Universidade de Heidelberg, entre janeiro de 1996 e fevereiro de 1997. Nos dois primeiros, “O papel da lingüística e a relação teoria e prática no ensino da tradução” e “Compreensão e interpretação no ato de traduzir: reflexões sobre o enunciado e a significação”, os pressupostos teóricos das abordagens lingüísticas são discutidos. Ottoni, sempre iluminado por Derrida, parte de Jakobson e de Mounin, passa por Saussure e Bakhtin, Haroldo de Campos e Walter Benjamin para esclarecer e exemplificar alguns conflitos (como as dicotomias teoria-prática, sujeito-objeto) que ainda permeiam o ensino da tradução. De suas conclusões, uma chama mais a atenção por ser taxativa: a “lingüística não dá conta da tradução enquanto um acontecimento que emerge do funcionamento da

linguagem” (p. 23). Esta constatação suscita alguns questionamentos: é possível pensar, a partir dos pressupostos da lingüística tradicional, na fusão entre sujeito e objeto? E a dobradinha teoria e prática? Seria possível a partir de um viés tradicional? Como deveriam ser discutidas certas posições que consideram o caráter absoluto das reflexões teóricas e que insistem em explicar uma prática através de uma teoria? Algumas destas questões são discutidas por Ottoni nas sendas abertas por Derrida que concebe a tradução como ato “produtor” e “transformador”.

Os textos seguintes, “Tradução recíproca e *double bind*: transbordamento e multiplicidade de línguas” e “A tradução é desde sempre resistência: reflexões sobre teoria e história da tradução” consistem na discussão sobre o papel dos tradutores diante da multiplicidade de línguas mobilizadas pela tradução. O tradutor é encarado como sujeito ativo que interfere nas línguas envolvidas na tradução, transformando-as e produzindo novos significados. Ao encarar a tradução como acontecimento, a perspectiva desconstrutivista evidencia a existência de “sistemas lingüísticos que comportam em si várias línguas” (p. 49). A fronteira entre as línguas, sob este ponto de vista, estaria abalada. Ottoni, a esta altura, apresenta para a discussão algumas das questões elaboradas por Derrida: “como um texto escrito em várias línguas ao mesmo tempo pode ser traduzido? Como o efeito de pluralidade pode ser restituído? E se traduzirmos a partir de várias línguas ao mesmo tempo, podemos a isso chamar de tradução?” (p. 51). Se Ottoni valoriza a proposta desconstrutivista da tradução, tampouco se esquece da abordagem estrutural e formal, ainda que as convoque para problematizá-las. Alguns de seus conceitos mais caros, como a idéia de fidelidade que encara a tradução como perda e traição, são constantemente trazidos à baila como um contraponto necessário. Mas afinal, o quê o *double bind* poderia nos ensinar? Qual seria sua relação com a tradução concebida enquanto recriação? Partindo de exemplos concretos, Ottoni fundamenta suas idéias na prática de traduções de alguns “excertos-problema”, como o trecho final de *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa, o que só faz evidenciar a existência de línguas dentro da língua. A tradução, concebida como recriação, evidencia e promove o cruzamento e a articulação entre as

línguas, “contaminando-as” e sendo “contaminada por elas” (p. 63). Ao iluminar, simultaneamente, as diferenças e as semelhanças entre as línguas, a tradução evidencia o *double bind*. Pensar a partir dele significa admitir o “movimento permanente da recriação” (p. 69). A seguir, partindo da leitura de De Man, o autor reflete sobre a resistência à teoria e propõe uma “teoria-resistência” da tradução encarada como *double bind* (p. 74). Esta “teoria-resistência”, ao manter as semelhanças e as diferenças das línguas envolvidas na tradução, impossibilitaria qualquer tentativa de “apagamento” das mesmas. A tradução, entendida como um acontecimento que revela o *double bind*, “deflagra” as línguas, confirmando a existência de línguas dentro da língua.

Dois textos de inflexão psicanalítica surgem na seqüência: “Tradução: reflexões sobre desconstrução e psicanálise” e “Tradução e inconsciente: a resistência à análise como mecanismo de imposição da língua”. Ambos resultaram de comunicações apresentadas por Ottoni em congressos nacionais na década de noventa. Se o casamento da tradução com a psicanálise é conhecido, Freud é agora apreendido sob novas lentes. O “pai da psicanálise”, um dos mais importantes teóricos da tradução segundo Mahony, é posto em xeque a partir de seus próprios textos, o que inaugura uma forma diferente de se pensar a tradução e a psicanálise. A tradução, ao ser encarada, a partir de Derrida, como escritura permite pensar sobre a “assimetria”, o “excesso” e o “resto” de significação que há nas línguas e que faz da tradução um acontecimento. “Traduzir um sonho: *im*-possível?” (p. 91). A questão do nome próprio “inconsciente ou secreto” também permeia as discussões, ao lado da sempre presente constatação da necessidade do intraduzível traduzível. Mais uma vez estamos diante do *double bind*.

Em “Teoria polifônica, escritura e tradução: algumas considerações”, Ottoni parte da teoria polifônica da enunciação, de Oswald Ducrot e da desconstrução para refletir sobre a tradução como acontecimento semeador de significados. Um trecho de Édipo Rei, peça de Sófocles, é inicialmente apresentado em português e comparado com seus enunciados em inglês, francês e alemão. As diferentes versões revelam a instabilidade do significado o que permite

questionar: “o enunciado fala várias línguas ou as várias línguas constituem apenas um enunciado?” (p. 114) Será que a teoria polifônica funciona da mesma forma em todas as línguas?

No oitavo texto, “A formação do tradutor científico e técnico: necessária e impossível”, Ottoni demonstra que as teorias de tradução de base lingüística dificultam o envolvimento dos aprendizes com a língua, reforçando dicotomias discutíveis que, no limite, incapacitariam os futuros tradutores a conviver com o *double bind*.

Os dois últimos artigos, “A tradução da *différance*: dupla tradução e *double bind*” e “Tradução manifesta e *double bind*: a escritura de Jacques Derrida e suas traduções” abordam, particularmente, os tradutores de Derrida. A discussão gira em torno da polêmica tradução do neografismo *différance* suscitada através de prefácios, notas e posfácios escritos por seus tradutores. Polêmica que, não sem certa perspicácia, Ottoni considera ser “uma das mais fortes encenações do próprio jogo da *différance*” (p. 14). A importante relação entre as línguas francesa e inglesa para a desconstrução não deixa de ser enfatizada, bem como a participação decisiva dos tradutores de Derrida para o inglês.

Ottoni apresenta ainda, encerrando a primeira parte, uma lista dos livros e artigos de Derrida publicados em português entre os anos de 1968 e 2004.

A segunda parte desta coletânea consiste na apresentação e na tradução, ambas de Ottoni, de um texto de Derrida - “Fidelidade a mais de um – merecer herdar onde a genealogia falta”. Este texto nada mais é do que a reunião dos comentários finais e das intervenções de Derrida em oito comunicações realizadas no Encontro de Rabat, Marrocos, em junho de 1996. Derrida não só aprovou a forma como Ottoni organizou o texto como também autorizou sua introdução na coletânea.

Tradução Manifesta: Double Bind e Acontecimento descortina um paradoxo que deve ser enfrentado e suportado pelos tradutores que adotam a perspectiva desconstrutivista. Diante da (in)sustentável possibilidade da tradução, o tradutor deve equilibrar-se no impasse e ficar lá, entre o traduzível e o intraduzível. Lá onde não há espaço para

as teorias totalitárias da tradução que “eternizam um saber absoluto” sobre a linguagem. Lá onde a tradução “é um acontecimento considerável do pensamento” e “tem lugar de ter lugar” (p. 15).